

Introdução

O que Freud descobriu não foi uma nova hipótese dentro do universo de discurso da medicina de seu tempo, para explicar a origem e o desenvolvimento das neuroses. Não se tratava de uma nova etiologia que explicasse a neurose pela frustração sexual. Com uma tal explicação, a psicanálise não teria mobilizado tanta resistência e ansiedade, nem ontem nem hoje. O que Freud descobriu foi um novo universo de discurso. Neste novo universo todo discurso era revolucionário, por mais comuns que fossem a gramática e o vocabulário utilizados, por mais correntes que tenham sido os modelos e as regras empregadas. É este novo universo que lhe possibilitou formular, com a língua vigente na ciência de seu tempo, as ideias revolucionárias sobre a dinâmica do inconsciente.

Emmanuel Carneiro Leão (1974 | 1997: 59–60)

O principal propósito deste livro é abordar a palavra no campo da psicanálise, situando-a no avesso da comunicação, a partir de seu estatuto de ato e de algumas articulações com a filosofia e a comunicação. Contudo, quando se efetua uma imigração de ideias com objetivos de interlocução, isso não costuma ocorrer sem danos (Bourdieu, 1977). A distância resultante da imigração impõe a necessidade de visualizar o horizonte de referência dos campos em intercâmbio.

A função da palavra é enigmática tanto em sua utilização na prática psicanalítica quanto em seu uso nos atuais recursos da comunicação con-

temporânea. Assim, suponho que repensar a função da fala e o campo da linguagem na psicanálise é de suma importância para uma reaproximação com o que é o cerne da experiência analítica, uma vez que contribui para fundamentar o posicionamento diante das possibilidades e das exigências de nossa época, como a análise *on-line* e seus utilitários modernos, ao mesmo tempo que fornece elementos para um questionamento ético em relação aos dilemas dos dispositivos digitais da atualidade comunicacional.

A psicanálise fundou-se pelo ato de Sigmund Freud, ao inventá-la como *talking cure*. Constituiu-se como um saber e uma prática inexistentes antes de sua invenção. Graças a Jacques Lacan, reafirmou-se que o meio de um tratamento psicanalítico é a palavra. O psicanalista, como um escultor da palavra, exerce sua função no fio da fala. Um escultor, disse-o Rainer Maria Rilke ao se referir a Auguste Rodin, atua por meio de atos. Não por acaso, Freud, ao argumentar sobre a oposição radical entre a técnica sugestiva e a psicanálise, tomou a escultura como metáfora do tratamento analítico e utilizou a comparação de Leonardo da Vinci a respeito da pintura e da escultura com as formulações *per via di porre* e *per via di levare*.

A pintura, diz Leonardo, trabalha *per via di porre*; com efeito, sobre a tela em branco deposita acúmulos de cores onde antes não estavam; a escultura, ao contrário, procede *per via di levare*, pois tira da pedra tudo o que recobre as formas da estátua nela contida. (Freud, 1905b | 1984: 250)

Em outros termos, a função do psicanalista é, em parte, desnudar a palavra de sua função encobridora, no intuito de encontrar algo da verdade do sujeito. Como Freud argumenta em “Sobre psicoterapia” (1905b), a psicanálise pretende não agregar e sim subtrair algo do sujeito, e com tal objetivo investiga a trama psíquica e a gênese dos sintomas.

O dispositivo analítico propõe uma única regra, a associação livre. Dizer tudo o que vem à cabeça, sem compromisso com as regras do discurso, é uma maneira de trabalhar no fio da fala, para tentar pôr em curso o desejo do sujeito. Nesses termos, considerar a função da fala propicia ao sujeito uma palavra própria, ativa, ao passo que a articulação entre linguagem, pulsão e desejo confere à palavra um estatuto de ato, capaz de transformá-lo, assim como o campo social em que ele se encontra.

As indagações que deram origem a este livro partiram, principalmente, da prática psicanalítica, que nos faz ouvir pessoas falando de suas vidas, dramas, dúvidas, escolhas e dificuldades em enfrentar o mal-estar que incide sobre elas. Além disso, as formas da comunicação contemporânea,

em seus entrelaçamentos com a ciência, o capitalismo, a tecnologia e o consumo, levam a indagar sobre o lugar do desejo e suas consequências imprevisíveis sobre as subjetividades. As constantes inovações, o progresso acelerado e o excesso de informação podem levar o sujeito a viver no imediatismo, na pressa e no consumismo, afastando-o de questões fundamentais da vida, como o seu desejo.

Em *O mal-estar na cultura* (1930), Freud aborda, inicialmente, a questão do objetivo da vida humana e logo afasta a felicidade plena como possibilidade a ser alcançada, uma vez que há fontes constantes de sofrimento para o ser humano. Segundo ele, a hiperpotência da natureza, a fragilidade do corpo humano e as relações com os semelhantes de alguma forma determinam um mal-estar permanente.

Na atualidade, constata-se que os surpreendentes avanços na comunicação com as contribuições da ciência e da tecnologia trouxeram benefícios incontestáveis, mas não foram capazes de dar conta do mal-estar inerente às relações humanas. Novos problemas surgiram, como as *fake news*, a quantidade como critério prevalente, os mal-entendidos na comunicação digital e as manipulações ligadas ao consumo. Freud anteviu esse fracasso, pois, como indicou, na busca do domínio sobre a natureza e do poder em relação aos semelhantes, haveria uma nova desilusão e o progresso não traria a felicidade almejada. Desse modo, a série de desilusões, em vez de diminuir, cresceu. Após Nicolau Copérnico reduzir nosso planeta a um satélite do sol, Charles Darwin nos incluir na família dos chimpanzés e Freud desvelar que o ser humano não é senhor de seus atos, os geneticistas descobriram que temos só duas vezes mais genes do que as moscas e os vermes, sem que a tecnologia já tenha resolvido os problemas da comunicação humana.

A psicanálise, porém, continua a ser uma teoria e uma prática social significativas. Não corresponde apenas a uma nova forma de tratamento, pois a descoberta do inconsciente por Freud é um discurso revolucionário que propicia uma leitura do social com efeitos no mundo. Pode operar em contextos sociais e políticos que, muitas vezes, contêm discursos antagônicos e até mesmo rivais a ele.

Todo discurso apresenta ambiguidades, o que é uma marca própria à linguagem. Na linguística, busca-se formular com precisão as leis que regem os acontecimentos linguísticos. Os gramáticos se empenham em definir as regras da sintaxe, contudo são vencidos pela ousadia da linguagem, que ultrapassa todas as fronteiras dos campos que pretendem analisá-la. De fato, as ambiguidades da linguagem resultam das propriedades do sig-

nificante e da inesgotabilidade do real, e diante desse infinito, jamais será possível construir uma totalidade, um sistema fechado e acabado, todavia o avanço do ensino de Lacan no campo da linguagem permite encontrar o real como origem do discurso, sendo essa a condição que garante a singularidade de cada sujeito.

Com efeito, o sujeito do desejo se constitui a partir do Outro, entendido como o campo da linguagem. A linguagem, portanto, é não apenas um meio de comunicação e expressão, mas também, e decisivamente, um elemento constitutivo do sujeito. Pelo poder que assume nos atos de fala, ela se constitui como uma prática de transformação. Por isso, conceber a linguagem como fundadora e constituinte do sujeito, como o faz a psicanálise, é caminhar no avesso da comunicação.

Nesse caminho, quando se recorre à filosofia, constata-se anacronismos sincrônicos. Oriundo do latim *adversus*, o vocábulo *avesso* quer dizer contrário, inverso, oposto, a parte oposta à principal, reverso, o que há de oculto, erro, defeito. Observa-se, por exemplo, que a dialética utilizada por Platão em seus diálogos faz do *contrário* um meio de chegar à descoberta da verdade. Já Martin Heidegger, ao considerar a linguagem um meio privilegiado de acesso ao ser, evidencia a dimensão de *ocultação*, o que situa o avesso como o lugar de revelação. Para ele, a linguagem é o lugar onde a verdade se apresenta ou se esconde, é a morada do ser. A psicanálise, por sua vez, é um discurso que se desenvolve no registro do erro. Ela mostra que verdade e erro não são excludentes, pois é exatamente da falha e do equívoco que a verdade de um desejo pode emergir.

Freud, como Heidegger faria depois dele, recupera o valor da palavra ambígua que revela e, ao mesmo tempo, oculta a verdade. Já em *A interpretação das afasias* (1891), ele concebe o psiquismo como um aparelho de linguagem que se forma no emparelhamento a outro aparelho de linguagem. E, em suas formulações sobre o inconsciente e em sua teoria pulsional, desenvolve as articulações intrínsecas entre as pulsões e a linguagem, afirmando que as pulsões, em sua indeterminação, necessitam de representantes representativos do campo da linguagem para representá-las.

Não por acaso, Lacan efetuou um retorno à função da fala e ao campo da linguagem, situando-os, num primeiro momento, como os principais eixos da prática psicanalítica. Em 1953, apontou que o campo em que o psicanalista deve tornar-se mestre e senhor – as funções da fala – caíra em abandono após Freud, insistindo em que a psicanálise, como método para tratamento ou meio de investigação, dispõe de um recurso fundamental, a fala do analisante.

Afirmamos, quanto a nós, que a técnica não pode ser compreendida nem corretamente aplicada, portanto, quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam. Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala. (Lacan, 1953a | 1998: 247)

Essa eloquente exortação feita por Lacan é um convite para penetrar mais profundamente no que permite à psicanálise operar no real, com suas consequentes transformações para o sujeito e o campo social. Nos tempos atuais, de análises *on-line*, os psicanalistas são reconvidados a um retorno à função da fala, a pensar a pulsão invocante, já que a fala permanece como protagonista no dispositivo analítico, mesmo sem a presença física dos corpos.

No novo regime do virtual e do tecnológico, ressalta-se a mídia como o *sofista do novo milênio*, ao fazer da palavra um instrumento de convencimento. E o que se pode dizer da psicanálise? Que ela trabalha com a realidade psíquica. Seu constante vir a ser a situa na categoria do possível. Com o filósofo, sociólogo e pesquisador em ciência da informação e da comunicação Pierre Lévy, o virtual, em vez de opor-se ao real, refere-se ao possível (Lévy, 1995). Por sua vez, as inúmeras possibilidades de desmontagem e remontagem no campo pulsional permitem que, numa concepção atual, correlacione-se o conceito de pulsão ao virtual.

Nessa ótica, a condução de análises *on-line* corrobora a ideia de que é a transferência o *setting* principal no tratamento psicanalítico. E o seu estabelecimento implica presença. Mas será que se trata da presença física dos corpos? O estatuto de ato atribuído à palavra pela psicanálise parece garantir os efeitos da prática psicanalítica *com* ou *sem* a presença física do analista e do analisante, razão pela qual uma teoria do ato se mantém fundamental para a psicanálise. Desde Aristóteles, discute-se sobre o ser potencial e o ser atual, o ser como potência e o movimento como mediação entre a potência e o ato. Decorridos muitos séculos, encontramos a categoria de atos performativos, introduzida pelo filósofo inglês da linguagem John Langshaw Austin, que propôs as condições de um dizer como fazer (Austin, 1962).

Na teoria psicanalítica, existem diferentes conceituações em que se utilizou o termo ato, entre as quais ato fundador, ato falho, ato obsessivo, *acting out*, passagem ao ato e ato analítico. Por outro lado, na obra original de Freud, há diversos termos que se referem ao que está em jogo em um ato: *Aktion*, *Handlung*, *Akt*, *Tat* e *Agieren* (Alberti, 1995). Assim, as diversas referências ao ato na teoria psicanalítica permitem realizar um estudo que, em seu conjunto, aponta o que o caracteriza: possuir um agente;

requerer autoridade; corresponder a um dizer e a um fazer; implicar um corte; causar surpresa; propiciar criação ou transformação; desembocar numa responsabilidade; e acarretar uma ética.

O ato requer o *um por um* e o sujeito é responsável por seu ato. Isso se contrapõe à totalização, à uniformidade e à homogeneização presentes no mundo contemporâneo. Considero, pois, que a comunicação contemporânea se encontra atrelada ao discurso da ciência, da tecnologia e do capitalismo, e que a psicanálise, situando-se em seu avesso, constitui-se como uma forma de resistência e de possibilidade de transformação em face dos impasses do sujeito na contemporaneidade. *No avesso da comunicação*, a psicanálise mostra a importância da fala para que o sujeito do ato, constituído pela força da pulsão e o vigor do desejo, se presentifique.

Lacan, diante dos impasses de sua época, tomou uma posição que pode ser tida como um desafio feito a cada psicanalista:

Se os psicanalistas não querem estar à altura do que têm a cargo, nem por isso o que têm a cargo deixa de existir ou deixará de ter efeitos. [...]

Será preciso que haja pessoas que tratem de estar à altura de certo tipo de efeitos que são predestinados a serem tratados dentro de certo referencial. Forçosamente surgirão essas pessoas, porque, quando os efeitos se tornam um pouco insistentes, é preciso levá-los em conta e operar em seu campo. (Lacan, 1967–1968, aulas de 8 e 15 de maio de 1968)

A palavra provoca os psicanalistas a pensar em seu poder de transformação. Freud, o criador da psicanálise, e Lacan, com suas sofisticadas elaborações teóricas, sempre se dedicaram a esse tema e recorreram inúmeras vezes à filosofia, à linguística, à literatura, à antropologia e a outras áreas do conhecimento para elaborar uma fundamentação à altura das funções da palavra. A comunicação contemporânea, com seus dispositivos comunicacionais modernos propiciados pelos desenvolvimentos da ciência e da tecnologia, oferece novas possibilidades de encontro e recursos inéditos que reduzem o tempo e as distâncias, só que cada vez mais nos deparamos com um excesso dessa oferta, acompanhada muitas vezes de usos indevidos, com manipulações e controle das mídias sociais, que têm deixado profissionais, pais, crianças e jovens atônitos diante do mal-estar inerente às relações humanas e obrigado os psicanalistas a retornar, de maneira rigorosa, aos fundamentos de sua prática clínica e de sua presença no mundo.